

ISSN 0103-8311

**CENTRO DE ESTUDOS ORNITOLÓGICOS
SÃO PAULO - SP**

**BOLETIM
CEO**

Bol. CEO N° 9

p. 1-50

Janeiro de 1993

CENTRO DE ESTUDOS ORNITOLÓGICOS

CGC 57.063.992/0001-13

DIRETORIA

Presidente: Hélio Ferraz de Almeida Camargo

Vice-Presidente: Maria Aparecida Visconti

1º Secretário: Luiz Fernando de A. Figueiredo

2º Secretário: Caetano Labbate Junior

1º Tesoureiro: Dante Renato C. Buzzetti

BOLETIM CEO

Editor: Luiz Fernando de A. Figueiredo

Editores Associados:

Hélio Ferraz de Almeida Camargo

Maria Aparecida Visconti

Digitação: Luiz F. A. Figueiredo

Diagramação e Formatação: Vincent Kurt Lo

Logotipo: criação: Luiz F. A. Figueiredo

arte-final: Rolf Grantsau

Impressão: São Vito Ind. e Com. de Papéis Ltda

(cortesia)

O *Boletim CEO* propõe-se a ser publicado semestralmente em janeiro e julho e é de responsabilidade do Centro de Estudos Ornitológicos.

Tem por finalidade publicar artigos relativos à ornitologia e ciências afins.

Colaborações: os manuscritos (um original e duas cópias) devem ser encaminhadas ao Editor e seguir as "Instruções aos Colaboradores" publicadas no final de cada fascículo.

Assinatura anual: US\$ 3.00 ou equivalente.

Correspondência:

CAIXA POSTAL 64532

05497-970 - SÃO PAULO, SP

SUMÁRIO

EDITORIAL

- 01 Boletim CEO: nova plumagem.

ARTIGOS

- 02 **Yoshica Oniki & Edwin O. Willis.**
Pesos, medidas, mudas, temperaturas cloacais e ectoparasitos de aves da Reserva Ecológica do Panga, Minas Gerais, Brasil.

PAINEL

- 11 **Reginaldo José Donatelli**
Nomes vernáculos em língua inglesa de membros de famílias de aves e seus correspondentes em língua portuguesa.
- 36 **Maria Martha Argel-de-Oliveira.**
Publicar ou não publicar? Listas de espécies são necessárias?
- 42 **Hélio Ferraz de Almeida Camargo.**
Uma tese sobre a ecologia das espécies brasileiras de *Myrmotherula*.

47 CARTAS RECEBIDAS

48 ATIVIDADES DO CEO

49 ERRATA

BOLETIM CEO: NOVA PLUMAGEM.

Com a presente edição o Boletim CEO completa 7 anos de existência, tempo ainda insuficiente certamente para uma completa maturidade, mas numa fase já bem próxima daí, acreditamos.

Talvez mais que a incorporação de regras formais de editoração, contribua para este amadurecimento o relacionamento com os próprios colaboradores e leitores do Boletim.

Graças à paciente ajuda de diversas pessoas já iniciadas na moderna e indispensável arte da informatização foi possível dar ao Boletim um estilo padronizado.

Além de atender a sugestões de leitores, o preparo do Boletim em computador permitirá uma maior agilidade em sua impressão e o recebimento de originais em disquete.

Temos certeza que, dentre os diversos interessados pela ornitologia que lerão este Boletim haverá muitos experts também na ciência dos computadores, dos quais esperamos receber sugestões para que possamos atingir novas fases de plumagem rumo a uma definitiva maturidade.

O Editor.

**PESOS, MEDIDAS, MUDAS, TEMPERATURAS CLOACAIS E
ECTOPARASITOS DE AVES DA RESERVA ECOLÓGICA DO
PANGA, MINAS GERAIS, BRASIL.**

Yoshika Oniki* e Edwin O. Willis*

Uma revisão compreensiva do potencial do uso de pesos de aves foi efetuado por Clark (1979). Uma coletânea sobre aves brasileiras foi iniciada nos anos 70 (Oniki, 1978, 1980, 1981, 1986) para preencher a necessidade de conhecermos melhor a nossa ornitofauna, não só em relação às suas medidas morfológicas e os seus pesos mas, também como uma contribuição ao conhecimento das necessidades ecológicas e do papel desempenhado pelas aves dentro da estrutura da comunidade.

O presente trabalho apresenta os dados morfológicos, temperaturas cloacais, dados sobre placa de incubação, muda e ectoparasitas de aves capturadas em uma reserva do oeste de Minas Gerais. É interessante termos informações de várias áreas brasileiras sobre todos estes aspectos além de pesos, para conhecermos mais sobre as épocas de muda e nidificação e determinarmos o comportamento de ectoparasitas em relação a elas.

MATERIAL E MÉTODOS

A medida do bico foi obtida desde a extremidade até as penas da frente; a altura do bico obtida à frente da narina, a largura entre os

*Bolsista, CNPq
Departamento de Zoologia, UNESP
Caixa Postal 199
13.506-900 - RIO CLARO, SP, BRASIL

ângulos da boca; a asa, do encontro até a extremidade da rêmige mais longa (corda); a cauda, a partir da retriz central até a extremidade da retriz mais longa; o tarso, entre a articulação tibiotarsal e a escama oposta ao dígito número um. Todas as medidas são em milímetros.

A ordem taxonômica seguida é a de Meyer de Schauensee (1970) com exceção de *Trichothraupis penicillata* que segue Willis (1985).

Os dados foram obtidos durante um mini-curso sobre estudos e anilhamento de aves no campo, desenvolvido pela Universidade Federal de Uberlândia, Estado de Minas Gerais, nos dias 18 e 19 de outubro de 1989. Os trabalhos foram conduzidos na Reserva Ecológica do Panga (19° 10' S e 48° 24' W), situada a cerca de 30 quilômetros a sudoeste da referida cidade. É uma área de 403,85 hectares com caracteres fitofisionômicos típicos dos cerrados do Planalto Central. A restrita área onde as aves foram capturadas era principalmente de cerrado.

RESULTADOS

Na tabela 1 constam os pesos, medidas do bico, tarso, cauda e asa e a temperatura cloacal para 37 indivíduos pertencentes a 21 espécies de aves. A temperatura do ar foi de 26.4° C às 08:31 h e 27.5° C às 09:24 h do dia 18 de outubro. O tamanho da anilha está especificado e contribuirá para complementar a lista apresentada no Manual de Anilhamento pelo CEMAVE (Leal et al. 1981), que não fornece todos os tamanhos para todas as espécies de aves. *Phaethornis pretrei* não foi anilhado, mas marcado cortando-se as extremidades das rêmiges mais externas, números 1 e 2 do lado esquerdo.

MUDA E PLACA DE INCUBAÇÃO - De acordo com a análise das placas de incubação, as aves da Reserva estavam terminando o período de incubação.

TABELA 1. Pesos, medidas, temperaturas cloacais e anilhas de aves

Espécies	Sexo	Peso	TB
TROCHILIDAE			
<i>Phaethornis pretrei</i>		5.1	
BUCCONIDAE			
<i>Nystalus maculatus</i>		39.0	36.8
<i>Nystalus maculatus</i>		43.0	39.8
<i>Nystalus maculatus</i>		41.5	41.0
DENDROCOLAPTIDAE			
<i>Lepidocolaptes angustirostris</i>		29.0	42.0
FURNARIIDAE			
<i>Synallaxis frontalis</i>		21.6	
<i>Synallaxis frontalis</i>		16.0	42.0
FORMICARIIDAE			
<i>Thamnophilus doliatus</i>	M	27.0	
TYRANNIDAE			
<i>Casiornis rufa</i>		24.1	41.9
<i>Casiornis rufa</i>			
<i>Casiornis rufa</i>		23.0	42.6
<i>Casiornis rufa</i>		21.1	43.0
<i>Myiarchus ferox</i>		30.5	41.6
<i>Myiarchus tyrannulus</i>		27.5	43.0
<i>Myiarchus swainsoni</i>		25.3	42.3
<i>Cnemotriccus fuscatus</i>		13.0	41.4
<i>Cnemotriccus fuscatus</i>		13.0	42.0
<i>Cnemotriccus fuscatus</i>			41.5
<i>Elaenia albiceps</i>		20.5	41.6

da Reserva Ecológica do Panga, MG.

Bico Comp.	Bico Larg.	Bico Alt.	Tarso	Cauda	Asa	Anilha
32	4.6	1.8	3.5	51	57	
27	15.6	11.0	19	71	77	H11574
35	16.8	12.0	20	79	76	H11575
						H11575rec
28	11.4	4.6	20	70	95	E11608
15			19	79	55	D11608
11	7.2	3.6	20	75	58	D11621
19	8.9	6.3	24	65		E11610
15	12.0	5.0	22	79	81	D11614
16	10.9	5.0	21	80	90	D11615
14	11.3	4.5	20	78	84	D11619
14			20	72	81	D11616
18	11.0	6.0	23	91	98	E11607
	15.8	6.4	20	82	90	E11604
18	11.3	5.7	23	77	87	E11612
12	8.5	4.0	19	68	68	D11617
12	9.7	3.4	18	67	67	C08912
	10.0	4.2	20	59	63	D11609
9		4.0	18	69	74	D11612

TABELA 1. cont. ...

Espécies	Sexo	Peso	TB
<i>Elaenia parvirostris</i>		11.0	41.5
<i>Elaenia mesoleuca</i>		20.5	43.6
<i>Elaenia mesoleuca</i>		18.0	44.0
VIREONIDAE			
<i>Cyclarhis gujanensis</i>		28.5	39.4
<i>Cyclarhis gujanensis</i>	M	30.0	42.1
<i>Cyclarhis gujanensis</i>		30.0	43.8
PARULIDAE			
<i>Basileuterus flaveolus</i>		13.0	40.4
<i>Basileuterus flaveolus</i>		14.5	
THRAUPIDAE			
<i>Tachyphonus rufus</i>	Mj	31.0	42.4
<i>Trichothraupis penicillata</i>	M?	29.8	
FRINGILLIDAE			
<i>Saltator similis</i>		46.5	43.0
<i>Saltator similis</i>		47.0	38.8
<i>Saltator similis</i>		45.5	41.2
<i>Volatinia jacarina</i>	Mj	9.0	39.2
<i>Sporophila caeruleascens</i>	F	9.0	
<i>Coryphospingus cucullatus</i>	F	15.9	42.4
<i>Coryphospingus cucullatus</i>		15.0	42.0
<i>Coryphospingus cucullatus</i>	M	15.0	42.2

Peso em gramas; TB = Temperatura cloacal em graus centígrados; medidas em milímetros; anilha = tamanho e número; Mj = macho jovem; rec = recaptura

Bico Comp.	Bico Larg.	Bico Alt.	Tarso	Cauda	Asa	Anilha
9	9.1	3.4	18	65	71	D11623
10	9.8	3.5	20	64	81	D11620
	8.0	4.0	18	76	78	D11613
16	12.5	9.3	23	62	78	E11605
				63	77	E11606
18	8.8	9.7	29	69	79	E11611
11	7.5	4.0	23	64	68	D11700
			23		61	D11610
18	13.0	7.4	22	72	86	E11609
19	11.6					E11700
20	12.5	11.8	27	97	108	H11576
19	11.2	11.8	26	95	107	H11577
14			25	93	102	H11573
	6.6	6.0	21	53	50	CO8911
8	7.7	5.5	11	42	62	D11611
11	8.3	5.7	19	59	61	D11607
13	9.4	5.7	20	60	68	D11622
12	9.9	5.4	18	58	64	D11618

A maioria das aves apresentava asas e cauda em boas condições, pouco gastas e com muda nas coberteiras. Apenas um indivíduo de *Casiornis rufa* apresentou muda no corpo, asas e cauda e sua placa de incubação era grande, embora estivesse entrando em fase de desativação. As demais aves não apresentavam a placa ou esta era pequena, com exceção de indivíduos de *Casiornis rufa*, *Coryphospingus cucullatus*, *Lepidocolaptes angustirostris* e *Phaethornis pretrei*, que ainda apresentavam placa grande e forte muda da plumagem ocorrendo em todo o corpo.

ECTOPARASITAS - Apenas um indivíduo de *Saltator similis* apresentou grande número de ovos de malófagos (Mallophaga) atado às penas do mento. Um indivíduo de *Trichothraupis penicillata* apresentou 4 carrapatos (Acari, Ixodidae) na garganta e pálpebras. Mucum ou ácaros-vermelhos (Acari, Trombiculidae) foram coletados em *Casiornis rufa*, *Elaenia mesoleuca*, *Myiarchus swainsoni*, *Saltator similis*, *Synallaxis frontalis* e *Trichothraupis penicillata*, localizados em diversas partes do corpo: na articulação do fêmur com a tíbia e fíbula (joelho), peito e ao redor da cloaca, sendo este último um local preferido onde, por vezes, vários indivíduos agrupam-se formando verdadeiras feridas. Alguns ácaros das penas (Acari, Dermoglyphidae) foram observados nas penas do corpo em um indivíduo cada de *Cnemotriccus fuscatus* e *Coryphospingus cucullatus*.

OUTRAS INFORMAÇÕES - Dois indivíduos diferentes de *Nystalus maculatus* foram capturados numa mesma rede às 9:50 h e 10:36 h. (O segundo indivíduo foi recapturado às 12:51 h). Junto deles, na rede, havia uma larva de Lepidoptera e um louva-a-deus (Mantidae) respectivamente, levando-nos a supôr que estivessem levando alimento para jovens em algum ninho ou fora dele. Foram infrutíferas

as tentativas de localizá-los nas redondezas, talvez estivessem apenas voando para outro poleiro com sua presa.

CONCLUSÃO

De acordo com a análise das placas de incubação, em outubro de 1989 as aves da Reserva do Panga estavam terminando o período de reprodução. Muitas das aves apresentavam muda nas penas do corpo e pouca muda nas asas e cauda, embora as penas estivessem gastas e apresentassem muda nas coberteiras. Neste período de perda de penas não foram detectados muitos ectoparasitos, com exceção de alguns representantes de Acari (carrapatos, ácaros de penas e mucuim).

O tamanho das anilhas de alumínio utilizadas servirá de guia para outros anilhadores que se utilizam do Manual do CEMAVE.

AGRADECIMENTOS

Os sinceros agradecimentos são devidos aos alunos do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia que nos auxiliaram na captura das aves; em especial ao J. L. Ferreira Pimenta que nos forneceu dados sobre a Reserva Ecológica do Panga e aos dois relatores anônimos que muito contribuíram para o aprimoramento do texto. O Sr. James M. Loughlin e Dr. D. Scott Wood auxiliaram com os programas no computador; o CEMAVE (Centro de Estudos de Migrações de Aves, Brasília) forneceu-nos as anilhas de alumínio e a ICBP (International Council for Bird Preservation) através do Programa Pan-Americano cedeu-nos os alicates para uso no campo. Os dados foram trabalhados enquanto Oniki participava de um estágio no Carnegie Museum of Natural History em Pittsburgh, Pennsylvania, E.U.A.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- CLARK Jr., G.A. 1979. Body weights of birds: a review. *Condor* 81: 193-202.
- LEAL, R.P., P.T.Z. ANTAS & S.M. LARA-REZENDE. 1981. *Manual de anilhamento de aves*. 106 pp., Min. Agric., Inst. Brasil. Desenv. Flor., Brasília, D.F., Brasil.
- MEYER DE SCHAUENSEE, R. 1970. *A Guide to the Birds of South America*. Wynnewood, PA., Livingston Publ. Co. 470 pp.
- ONIKI, Y. 1978. Weights, digestive tracts, and gonadal conditions of some Amazonian birds. *Rev. Brasil. Biol.* 38(3): 676-681.
- ONIKI, Y. 1980. Weights and cloacal temperatures of some birds of Minas Gerais, Brazil. *Rev. Brasil. Biol.* 40(1): 1-4.
- ONIKI, Y. 1981. Weights, cloacal temperatures, plumage and molt condition of birds, in the State of São Paulo. *Rev. Brasil. Biol.* 41(2): 452-460.
- ONIKI, Y. 1986. Pesos, medidas, temperaturas cloacais, condição da plumagem e de reprodução de aves da região de Balbina, Amazonas, Brasil. *An. Soc. Sul-Riograndense Ornit.* 7: 7-9.
- WILLIS, E.O. 1985. Behavior and systematic status of Gray-headed Tanagers (*Trichothraupis penicillata*, Emberizidae). *Naturalia* 10: 113-145.

Recebido para publicação em 10/04/92.

NOMES VERNÁCULOS EM LÍNGUA INGLESA DE MEMBROS DE FAMÍLIAS DE AVES E SEUS CORRESPONDENTES EM LÍNGUA PORTUGUESA.

Reginaldo José Donatelli*

"Weavers of the Old World have counterparts among the blackbirds of the New World. Various Tyrant-flycatchers share ecological and morphological attributes with shrikes, tits, warbles, pipits or thrushes. Australian landbirds share so many attributes with shrikes, flycatchers, and small insect-eating warbles that they were misclassified with superficially similar European and Asian birds" (Gill, F.B. 1989 *Ornithology* New York, W.H. Freeman and Company 660p).

A elaboração de uma lista de nomes vernáculos em língua inglesa dos membros das famílias de aves e seus correspondentes em língua portuguesa nasceu de uma necessidade para se entender de que grupo fala determinado autor em seu livro ou trabalho científico. Isto porque o cientista de língua inglesa utiliza-se também de nomes vernáculos em textos científicos (Darlington, 1957; Van Tyne & Berger, 1959; Wallace & Mahan, 1979; Webb et al., 1979; Peterson, 1980; Frish, 1981; Dunning, 1982; Meyer de Schauensee, 1982; Newman, 1983) e os demais pesquisadores procuram saber sobre que grupo está se falando, mesmo porque tais nomes não lhes são familiares.

Os objetivos de se apresentar uma lista são os seguintes:

* Depto. de Ciências Biológicas, Faculdade de Ciências UNESP
Campus de Bauru,
CEP 17033-360

NOMES VERNÁCULOS EM LÍNGUA INGLESA DE MEMBROS DE FAMÍLIAS DE AVES E SEUS CORRESPONDENTES EM LÍNGUA PORTUGUESA.

Vernáculo em Inglês	Vulgar em Português		Família	Ordem	Distribuição
accentor		Prunellidae	Passeriformes		Paleártica (exceto reg.centrais)
albatrosses	albatroz	Diomedidae	Procellariiformes		Oceanos do Hemisfério Sul
american orioles	ver blackbirds				
american vulture	urubus, condor	Cathartidae	Falconiformes		Ampla distribuição pelo mundo
american warblers	ver wood-warblers				
anhingas	ver darters				
anis	ver cuckoos				
antbirds	tovacas e afins	Formicariidae	Passeriformes		Neotropical
ant-pipits	ver gnateaters				
antthrushes	ver antbirds				
asities		Philepittidae	Passeriformes		Madagascar
auks	"alcas"	Alcidae	Charadriiformes		Neártica e Paleártica
australian warbler	ver whistlers				

avocets	pernilongos	Recurvirostridae	Charadriiformes	Zonas temperadas
babblers	“tagarelas”	Muscicapidae Timaliinae	Passeriformes	Etiópica, Oriental e Australiana
bananaquits	cambacica e afins	Emberizidae Coerebinae	Passeriformes	Neotropical
barbets	capitães; barbudo; Capitão-de-bigode	Capitonidae	Piciformes	Neotropical (N da Am.do Sul, Etiópica e Oriental)
barn-owls	suindaras coruja-das-torres	Tytonidae	Strigiformes	Ampla distribuição
becards	ver cotingas			
bee eaters	abelharucos	Meropidae	Coraciiformes	Paleártica, Etiópica e Australiana
bellbirds	ver cotingas			
bell magpies	“pegas australia- nas”	Cracticidae	Passeriformes	Australiana
birds of paradise	“aves do paraíso”	Paradisaeidae	Passeriformes	Australiana
bishop birds	ver whydashes			
bitterns	ver herons			

blackbirds	chopim, pássaro preto e afins	Emberizidae Icterinae	Passeriformes	Neártica e Neotropical
blue birds		Irenidae	Passeriformes	Oriental
boat-billed herons	arapapás; garças	Ardeidae Cochleariinae	Ciconiiformes	Neotropical
boobies	atobás	Sulidae	Pelecaniformes	Mares temperados
bowerbirds	"pássaro-das-pérgulas/pássaros-jardineiros"	Ptilonorhynchidae	Passeriformes	Australiana
broadbill	"eurilainos"	Eurylaimidae	Passeriformes	Etiópica e Oriental
buffalo weavers		Bubalornithidae	Passeriformes	Etiópica e Oriental
bulbuls		Pycnonotidae	Passeriformes	Etiópica e Oriental
bustardquails	ver button-quails			
bustards	"abertardas ou sisão"	Otididae	Gruiformes	Paleártica, Etiópica e Australiana
butcherbirds	ver bell magpies			
button-quails	francolins	Turnicidae	Gruiformes	Etiópica, Oriental e Australiana

caracaras	ver falcons			
cardinals	cardeais tico-ticos	Emberizidae	Passeriformes	Ampla distribuição
cariamias	ver seriemas			
cassoaries	casuar	Casuariidae	Casuariiformes	Australiana
chachalacas	ver curassows			
chickadees	ver titmices			
cock-of-the-rock	galo-da-serra-do-Pará	Rupicolidae	Passeriformes	Neotropical
colies	"aves-ratos" ou "collios"	Coliidae	Coliiformes	Etiópica
coots	ver rails			
coral-billed nuthatches	-----	Hyposittidae	Passeriformes	Madagascar
cormorans	biguás	Phalacrocoracidae	Pelecaniformes	Ampla distribuição pelo mundo
cotingas	arapongas, anambés e afins	Cotingidae	Passeriformes	Neotropical

courses	-----	Glareolidae	Charadriiformes	Etiópica e parte das regiões Paleártica e Australiana
cowbirds	ver blackbirds			
crab plovers	-----	Dromadidae	Charadriiformes	Etiópica (leste), Índia, Ceilão (costa)
cranes	“grous”	Gruidae	Gruiformes	Etiópica, Oriental, Australiana e Neártica (peq. parte)
creepers	“trepadeiras”	Certhiidae	Passeriformes	Neártica, Paleártica e Etiópica
crested swifts	-----	Hemiprocnidae	Apodiformes	Oriental
crows	ver jays			
cuckoos	anus, almas-de- gato, sacis e cucos	Cuculidae	Cuculiformes	Ampla distribuição pelo mundo
cuckoo-roller	-----	Leptosomatidae	Coraciiformes	Madagascar
cuckoos-shrikes	-----	Campephagidae	Passeriformes	Etiópica, Oriental e Australiana
curassows	mutuns, jacus, jacutingas e afins	Cracidae	Galliformes	Neotropical
currawongs	ver bel magpies			

darters	biguatinga mergulhões-serpente	Anhingidae	Pelecaniformes	Neotropical (N e N) Etiópica, Australiana e Oriental
dippers	-----	Cinclidae	Passeriformes	Costa oeste da reg. Neotropical; Neártica, Oriental
diving petrels	petrel-mergulhador	Pelecanoididae	Procellariformes	Antártica (1 sp na costa do Peru)
doves	ver pigeons			
drongos	-----	Dicruridae	Passeriformes	Etiópica, Oriental e Australiana (norte)
ducks	patos, marrecas e afins	Anatidae	Anseriformes	Ampla distribuição pelo mundo
eagles	ver hawks			
egrets	ver herons			
emu	emu ou ema austra- liana	Dromaiidae	Rheiformes	Australiana
falcons	falcões, carrapa- teiro, acauã e afins	Falconidae	Falconiformes	Ampla distribuição pelo mundo

finches	pintassilgos, trinca-ferros, curios, tico-ticos e afins	Fringillidae Fringillinae	Passeriformes	Ampla distribuição pelo mundo
finfoot	patinhos-d'água ipequi	Heliornithidae	Gruiformes	Neotropical (1 sp), Etiópica (1 sp) Oriental (1 sp)
flamingos	flamingos	Phoenicopteridae	Phoenicopteriformes	Neotropical, Etiópica (peq. parte) e Paleártica (sul)
flower peckers	"falso-kea", "drepanideos", "akiloa"	Dicaeidae	Passeriformes	Oriental e Australiana
francolins	ver pheasants			
frigatebirds	fragatas, tesourões	Fregatidae	Pelecaniformes	Oceanos tropicais
frogmouths	"noitibó-de-cabeça-de-rã"	Podargidae	Caprimulgiformes	Oriental e Australiana
fulmars	ver shearwaters			
gallinules	ver rails			
ganets	ver boobies			
geeses	ver ducks			

goatsuckers	ver nightjars			
gnateaters	chupa-dente	Formicariidae	Passeriformes	Neotropical
grebes mundo	mergulhões	Podicipedidae	Podicipediformes	Ampla distribuição pelo mundo
grouses	“galo-selvagem” “galinha-selvagem”	Tetraonidae	Galliformes	Neártica e Paleártica
guans	ver curassows			
guineafowls	galinhas-de-angola	Numididae	Galliformes	Etiópica
gulls	gaivotas	Laridae	Charadriiformes	Ampla distribuição pelo mundo
hammerheads (hammerhead bird)	“ave-cabeça-de- martelo”	Scopidae	Ciconiiformes	Etiópica
hawaiian	-----	Fringillidae	Passeriformes	Hawai
honeycreepers		Drepanidinae		
hawks	gaviões, águias e afins	Accipitridae	Falconiformes	Ampla distribuição pelo mundo
hedge sparrows	ver accentors			
herons	garças	Ardeidae	Ciconiiformes	Ampla distribuição pelo mundo

hoatzin	ciganas	Opisthocomidae	Opisthocomiformes	Neotropical
honeyeaters	"comedores-de-mel"	Meliphagidae	Passeriformes	Australiana
honey-creepers	ver bananaquits			
honey-guides	"indicadores"	Indicatoridae	Piciformes	Etiópica e Australiana
hoopoes	"poupas-comuns"	Upupidae	Coraciiformes	Paleártica e Etiópica
hornbills	"calau"	Bucerotidae	Coraciiformes	Oriental e Australiana
hummingbirds	beija-flores	Trochilidae	Apodiformes	Neotropical e Neártica
ibises	guarás e afins curicacas	Threskiornithidae	Ciconiiformes	Ampla distribuição pelo mundo
jacamars	arirambas, bicos- de-agulha	Galbulidae	Piciformes	Neotropical
jacanas	jaçanãs	Jacanidae	Charadriiformes	Hemisfério Sul
jaegers	ver skuas			
jays	corvos e gralhas	Corvidae	Passeriformes	Ampla distribuição pelo mundo
jungle fowls	ver pheasants			

kagus	-----	Rhynochetidae	Gruiformes	(Nova Caledônia)
kingfishers	martins-pescadores pica-peixes	Alcedinidae	Coraciiformes	Ampla distribuição pelo mundo
kinglets	balança-rabo bico-assovelado	Muscicapidae Sylviinae	Passeriformes	Neotropical (N); Etiópica, Australiana e Paleártica
kites	ver hawks			
kiwis	kiwis	Apterygidae	Apterygiformes	Nova Zelândia
larks	cotovia, "laverças"	Alaudidae	Passeriformes	Paleártica, Etiópica, Australiana, Neártica (1 sp)
leafbirds	-----	Irenidae	Passeriformes	Oriental
limpkins	carão	Aramidae	Gruiformes	Neotropical, Neártica (Flórida)
loons	"mabelhas"	Gaviidae	Gaviiformes	Neártica e Paleártica
lories	ver parrots			
louries	ver touracos			
lyrebirds	"aves-lira"	Menuridae	Passeriformes	Australiana

macaws	ver parrots			
magpie larks	"laverças-pegas"	Grallinidae	Passeriformes	Australiana
magpies	ver jays			
manakins	tangaras, uirapurus, dançarinos e afins	Pipridae	Passeriformes	Neotropical
megapodes	"megapódio ocelado" ou "leipoa"	Megapodidae	Galliformes	Australiana
mesites	-----	Mesitornithidae	Gruiformes	Madagascar
mimids	ver mockingbirds			
mockingbirds	tejos	Mimidae	Passeriformes	Neártica e Neotropical
motmots	jurucas, udus	Momotidae	Coraciiformes	Neotropical
moundbuilders	ver megapodes			
mousebirds	ver colies			
murres	ver auks			
New Zeland wren	-----	Xenicidae	Passeriformes	Nova Zelândia

nightjars	bacuraus e curiangos	Caprimulgidae Caprimulginae	Caprimulgiformes	Ampla distribuição pelo mundo
nuthatches	“trepadeiras”	Sittidae	Passeriformes	Sul da Neártica, Paleártica; Nova Guinéa e Australia Oriental
oilbirds	“guacharos”	Steatornithidae	Caprimulgiformes	Neotropical
Old world flycatchers	“cariças, caudas-de-leque, cartaxos, papa-moscas	Muscicapidae Muscicapinae	Passeriformes	Paleártica, Etiópica e Australiana
Old world warblers	ver kinglets			
orioles	“papa-figos”	Oriolidae	Passeriformes	Paleártica, Etiópica e Australiana
osprey	águia-pesqueira	Accipitridae Pandioninae	Falconiformes	Ampla distribuição
ostrish	avestruz	Struthionidae	Struthioniformes	Etiópica
ovenbirs	joão-de-barro e afins	Furnariidae	Passeriformes	Neotropical
owlet-nightjars owlet-frogmouth	“coruja-de-Tengmalm”	Aegothelidae	Caprimulgiformes	Australiana

owls (typical owls)	corujas e mochos	Strigidae	Strigiformes	Ampla distribuição pelo mundo
oystercatchers	pipu-pirus	Haematopodidae ostraceiros	Charadriiformes	Sazonais - costas de mares temperados e tropicais
painted snipes	narcejas-de-bico- torto, narcejas-pintadas	Rostratulidae	Charadriiformes	Ampla distribuição pelo mundo
palmchats	-----	Dulidae	Passeriformes	Hispaniola e Gonave (Antilhas)
parakeets	ver parrots			
parrots (typical parrots)	papagaios, araras e afins	Psittacidae Psittacinae	Psittaciformes	Grande maioria no Hemisfério Sul
partridges	ver pheasants			
pelicans	pelicanos	Pelecanidae	Pelecaniformes	Partes frias do H. Sul
penguins	pinguins	Spheniscidae	Sphenisciformes	Regiões frias do H. Sul
petrels	ver shearwaters			
phalaropes	pisa n'água	Scolopacidae Phalaropodinae	Charadriiformes	H. Norte - migram p/as reg. do Sul

pheasants	galinha-doméstica, urus e faisões	Phasianidae	Galliformes	Ampla distribuição pelo mundo
pigeons	pombas, rolas e	Columbidae	Columbiformes	Ampla distribuição pelo mundo
pipits	caminheiros	Motacillidae	Passeriformes	Ampla distribuição pelo mundo
pittas	-----	Pittidae	Passeriformes	Oriental e Australiana tropical
plain eaters	ver touracos			
plain wanderer	-----	Pedionomidae	Gruiformes	Sudeste Austrália
plant cutters	corta-ramos	Phytotomidae	Passeriformes	Neotropical
plovers	batuínas, maçaricos quero-queros e afins	Charadriidae	Charadriiformes	Ampla distribuição pelo mundo
plush capped finches	saíras	Catamblyrhynchidae	Passeriformes	Neotropical
pottos	mães-de-lua, urutaus	Nyctibiidae	Caprimulgiformes	Neotropical
pratincoles	ver courses			
prinias	ver woodshrikes			

puffbirds	joão-bobo; macurus	Bucconidae	Piciformes	Neotropical
puffins	"papagaios-do-mar" fradinhos	Alcidae	Charadriiformes	Regiões frias da Holártica
quails	ver pheasants	Phasianidae Odontophorinae	Galliformes	
rails	saracuras e frangos-d'água	Rallidae	Gruiformes	Neotropical, Etiópica e Oriental (peq. parte)
rheas	nhandus, ema	Rheidae	Rheiformes	Neotropical
rodrunners	ver cuckoos			
rollers	"rolieiros" "gaios azuis"	Coraciidae	Coraciiformes	Paleártica, Etiópica, Oriental e Australiana
sandgrouse	"gangas", "cortiçola"	Pteroclididae	Columbiformes	Etiópica e Paleártica
sandpipers	maçaricos e narcejas	Scolopacidae Scolopacinae	Charadriiformes	Altas latitudes de Holártica. migram para o Sul
screamers	anhuma e tachã	Anhimidae	Anseriformes	Neotropical
scrub-birds	"pássaro-dos- matagais"	Atricornithidae	Passeriformes	Australiana

secretary bird	"serpentário" ou "secretário"	Sagittariidae	Falconiformes	Australiana
seedsnipes	"narcejas-das-sementes", agachadeiras	Thinocoridae	Charadriiformes	Neotropical (trans-andina)
seriemas	seriemas	Cariamidae	Gruiformes	Neotropical
sharpbills	araponga-do-horto	Oryzoidae	Passeriformes	Neotropical
shearwaters	pardelas, bobos e	Procellariidae	Procellariiformes	Mares frios do H. Norte e Sul
sheathbills	pombas-antárticas bicos-de-bainha	Chionidae	Charadriiformes	Ilhas sub-antárticas
shoe billstork	ver whale-headed stork			
shrikes	-----	Laniidae	Passeriformes	Holártica, Etiópica e Oriental
silky-flycatchers	-----	Ptilonotidae	Passeriformes	SE EUA e Panamá
skimmers	talha-mar, corta-águas	Laridae Rynchopinae	Charadriiformes	Parte das regiões Neotropical, Etiópica e Oriental
skuas	gaivotas rapineiras mandriões	Stercorariidae	Charadriiformes	Altas latitudes das reg. Neártica e Paleártica (mig.)

snipes	ver sandpipers			
spoonbills	colhereiros	Threskiornithidae Plataleinae	Ciconiiformes	Neotropical e Neártica
starlings	"estorninhos"	Sturnidae	Passeriformes	Etiópica, Oriental e parte da Australiana
stilts	ver avocets			Etiópica, Paleártica
stone curlews	teu-teu da savana "alcaravões"	Burhinidae	Charadriiformes	Etiópica, Paleártica (Sul), Australiana e Neotropical
storks	jabirus, maguaris cabeças secas e cegonhas	Ciconiidae	Ciconiiformes	Todas (Neártica: só reg. sul)
storm petrels	andorinhas-do-mar tormentas	Hydrobatidae andorinhas-das-	Procellariiformes	Oceanos do mundo (exceto Ártico)
sunbirds	"pássaros-do-sol"	Nectariniidae	Passeriformes	Etiópica, Oriental e Australiana
sunbitterns	pavãozinho-do-pará	Eurypygidae	Gruiformes	Neotropical
sungrebes	ver finfeet			
swallow plovers	ver courses			

swallow tanagers	saí-andorinha	Tersinidae	Passeriformes	Neotropical
swallows	andorinhas	Hirundinidae	Passeriformes	Ampla distribuição pelo mundo
swans	ver ducks			
swifts	andorinhões, taperás	Apodidae	Apodiformes	Ampla distribuição pelo mundo
tanagers	saíras, sanhaços e afins	Emberizidae	Passeriformes	Neártica, Neotropical, Paleártica e Etiópica
tapaculos	tapaculos macuquinhos	Rhinocryptydae	Passeriformes	Neotropical
terns	ver gulls			
thick-knees	ver stone curlews			
thrashers	ver mockingbirds			
thrushes	sabiás	Turdidae	Passeriformes	Ampla distribuição pelo mundo
tinamous	macuco, inhambú, perdiz, codorna	Tinamidae	Tinamiformes	Neotropical
titmices	"chapins"	Paridae	Passeriformes	Neártica, Paleártica, Etiópica e Oriental

tits	ver titmices			
todies	-----	Todidae	Coraciiformes	Grandes Antilhas
toucans	tucanos araçaris	Ramphastidae	Piciformes	Neotropical
touracos	-----	Musophagidae	Cuculiformes	Etiópica
trogons	surucuás quetzal	Trogonidae	Trogoniformes	Neotropical, Etiópica e Oriental
tropicbirds	rabos-de-palha	Phaethontidae	Pelecaniformes	Mares tropicais
troupials	ver blackbirds			
trumpeters	jacamins	Psophiidae	Gruiformes	Neotropical (norte e centro-oeste da Am. do Sul)
turkeys	"peru-selvagem" "peru-ocelado"	Phasianidae Meleagridinae	Galliformes	Neártica
tyrant flycatchers	bem-te-vi, suiriri papa-moscas e afins	Tyrannidae	Passeriformes	Neotropical e Neártica (parte)
vanga-shrikes	"vangas"	Vangidae	Passeriformes	Etiópica

vireos	juruvíaras, pitiguáris e afins	Vireonidae	Passeriformes	Neotropical e Neártica
wagtails	ver pipits			
wattlebirds	-----	Callaeidae	Passeriformes	Nova Zelândia
waxbills	bico-de-lacre	Estrildidae	Passeriformes	Etiópica, Oriental e Australiana
waxwings	-----	Bombycillidae	Passeriformes	Eurásia, Neártica
weaverbirds	“tecelões”, “viúvas”, pardais e afins	Ploceidae	Passeriformes	Paleártica, Oriental e Etiópica
whale-headed storks	-----	Balaenicipitidae	Ciconiiformes	Etiópica (regiões úmidas)
whistlers	“canários-do-reino australianos”	Muscicapidae Pachycephalinae	Passeriformes	Australiana
white-eyes	-----	Zosteropidae	Passeriformes	Etiópica, Oriental e Australiana
whydahs	“viúvas”	Estrildidae Viduinæ	Passeriformes	Etiópica
widowbirds	ver whydahs			
woodcreepers	arapaçus, cochis	Dendrocolaptidae	Passeriformes	Neotropical

woodhewers	ver woodcreepers			
woodhoopoes	-----	Phoeniculidae	Coraciiformes	Etiópica
woodpeckers	pica-paus	Picidae	Piciformes	Ampla distribuição (exceto reg. Australiana e ilhas do Pacífico)
woodshrikes	-----	Prionopidae	Passeriformes	Etiópica
woodswallows	"andorinhas-do-bosque"	Artamidae	Passeriformes	Oriental e Australiana
wood-warblers	mariquitas e afins	Emberezidae Parulinae	Passeriformes	Neártica e Neotropical
wrens	corruíras cambaxirras	Troglodytidae	Passeriformes	Neártica e Neotropical

1. Pode-se acompanhar a leitura de um livro texto ou de um trabalho científico em língua inglesa principalmente em casos onde os membros de uma determinada família em questão não ocorrem em nosso país ou na região neotropical.
2. O número de livros-texto e trabalhos científicos sobre aves é muito grande em língua inglesa e desta forma com o auxílio da lista pode-se obter as seguintes informações: a) qual o equivalente em língua portuguesa do grupo ao qual se refere o autor. Quando não há equivalentes em nossa língua, procurou-se um similar em língua portuguesa de Portugal (nesses casos o equivalente aparece entre aspas). Mesmo assim, há casos onde isto é muito difícil e não há qualquer correspondência (nesses casos um traço foi colocado no lugar do correspondente); b) a qual ordem está subordinado e qual a sua distribuição.

Trata-se apenas de uma lista de referência para que possamos nos situar no contexto de uma determinada publicação. Assim sendo, nenhuma tradução foi feita, mas procurou-se os nomes já existentes na literatura brasileira (Sick, 1985; Willis, 1991) ou portuguesa (Enciclopédia *A Fauna* e Dicionário Lello Universal).

Procurou-se ainda, não entrar em conflito com a Taxonomia. Desta forma, o trabalho de Cracraft (1981) e o A.O.U. (1983) foram utilizados para 1) seguir um referencial para os grupos e 2) utilizar os nomes vernáculos oficiais da língua inglesa. Há poucas alterações no texto em relação à determinados grupos citados nesses trabalhos em função da classificação utilizada por autores brasileiros.

Este trabalho não pretende ser um tratado ou um dicionário mas tão somente um referencial vernáculo; não é um fim em si mesmo mas um modo de encarar a extensa literatura em língua inglesa sobre as aves.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente ao Dr. Hélio Camargo pela leitura crítica do manuscrito, revisão e sugestões. Quero também expressar meus profundos agradecimentos ao colega Luiz Fernando por sua ajuda durante todas as fases deste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A.O.U. (1983) - *Check-list of North American Birds*. 6ª Ed.
- CRACRAFT, J. (1981) - Toward a phylogenetic classification of the recent birds of the world (Class Aves). *Auk*, 98 (4): 681-714.
- DARLINGTON, P.J.Jr. (1957) - *Zoogeography. The geographical distribution of animals*. (Caps. 5 e 7). New York, Museum of comparative Zoology, Harvard University. John Wiley & Sons Inc. 675p.
- DUNNING, J.S. (1982) - *South American Land Birds*. New York, Harrowood Books, Pennsylvania. 364p.
- FRISH, J.D. (1981) - *Aves Brasileiras*. São Paulo, Dalgas-Ecoltec, Ecologia Técnica e Comércio Ltda. 353p.
- MEYER DE SCHAUENSEE, R.M. (1982) - *A guide to the birds of South America*. Philadelphia, Academy of Natural Sciences of Philadelphia. Reimpressão de 1970.
- NEWMAN, K. (1983) - *Birds of Southern Africa*. Pretoria, Macmillan South Africa Ltd. 461p.
- PETERSON, R.T. (1980) - *A field guide to the birds*. 4ª. ed. Boston, Houghton Mifflin Co. 384p.
- SICK, H. (1985) - *Ornitologia Brasileira, uma introdução*. Brasília, Ed. UnB 2vols. 827p.

VAN TYNE, J. & BERGER, A. (1959) - *Fundamentals of Ornithology*. New York, John Wiley & Sons Inc. 624p.

WALLACE, G.C. & MAHAN, H.D. (1979) - *An introduction to Ornithology*. London, 3ª. Ed. Macmillan Publishers 546p.

WEBB, J.E.; WALLWORK, J.A. & ELGOOD, J.H. (1979) - *Guide to living Birds*. Glasgow, Bell & Bain Ltd. 291p.

WILLIS, E.O. & ONIKI, Y. (1991) - *Nomes gerais para as aves brasileiras*. Rio Claro, "Gráfica da Região" - Américo Brasiliense, SP. 100p.

Recebido para publicação em 20/10/91.

PUBLICAR OU NÃO PUBLICAR? LISTAS DE ESPÉCIES SÃO NECESSÁRIAS?

Maria Martha Argel-de-Oliveira

A publicação de levantamentos é um dos pontos mais polêmicos da literatura ornitológica brasileira. A apresentação dos resultados, em geral preliminares, de levantamentos representa quase um quinto dos trabalhos apresentados nas sessões de ornitologia de congressos: 19,4% dos trabalhos apresentados no X Congresso Brasileiro de Zoologia, 18,6% no XI CBZ e 18,3% no I Congresso Brasileiro de Ornitologia. Resultantes de curtos períodos em campo, muitos desses trabalhos jamais são apresentados sob a forma de artigos científicos. São trabalhos descartáveis, que às vezes cumprem somente um objetivo, o de enriquecer o currículo de seu(s) autore(s). Em compensação, outros trabalhos, tampouco seguidos de uma versão mais detalhada, apresentam dados verdadeiramente interessantes, sobre distribuição, novas ocorrências, etc, destinados a permanecer ocultos dentro de um livro de resumos que poucos consultam. Porque essa segunda categoria de levantamentos não é publicada?

Pelo que sei, vários pesquisadores sérios manifestam uma profunda desconfiança nos resultados apresentados em levantamentos. Essa desconfiança é, na verdade, muito bem alicerçada: com 1644 espécies (segundo WILLIS & ONIKI, 1991), a avifauna brasileira é pródiga em espécies de identificação difícil até para os especialistas. Se mesmo um pesquisador do calibre de Olivério Pinto, que trabalhava com material de museu, estava sujeito a erros de identificação, como mostra STOTZ (1990), que dirá o pesquisador iniciante que elabora uma listagem com base unicamente em registros visuais?

É possível que a crítica constante à publicação de listas por pesquisadores pouco qualificados tenha feito com que a publicação de

levantamentos fosse praticamente abandonada também por ornitólogos mais experientes.

Essa atitude é uma faca de dois gumes. Por um lado impede que os inevitáveis erros apareçam por todos os lados e acabem se perpetuando na literatura. Por outro, acabou dando origem a uma falta de informação que afeta uma atividade que se torna cada dia mais importante: a prestação de serviços a empresas ou órgãos governamentais voltados à conservação da natureza.

Um razoável mercado de trabalho para zoólogos surgiu em decorrência das exigências da recente legislação ambiental. Estudos e Relatórios de Impacto Ambiental (EIAs e RIMAs), Planos de Recuperação de Áreas Degradadas (PRADs), projetos de macrozoneamento, regulamentações de unidades de conservação e outros tipos de relatórios técnicos são documentos que exigem dados confiáveis sobre a fauna da área a que se referem, para a definição das linhas de ação convenientes para a preservação das espécies em situação mais precária. Por sua relativa facilidade de estudo, pela fidelidade demonstrada por inúmeras espécies a determinados ambientes e pela rapidez com que tais espécies desaparecem quando a alteração ambiental atinge níveis que lhes são insuportáveis, as aves têm sido consideradas bons indicadores da qualidade ambiental. Juntamente com mamíferos, e em muitos casos aparecendo em maior destaque, são os animais que maior atenção merecem em estudos ambientais.

É justamente aqui que se manifesta com gravidade o problema da falta de informação. Embora muitos dos estudos ambientais contem com a colaboração de ornitólogos competentes, a carência de dados de literatura muitas vezes compromete o grau de especificidade e de aplicabilidade das conclusões apresentadas pelo especialista. Na maioria dos casos o período de permanência em campo é reduzido, não permitindo a detecção de espécies menos comuns.

É frequente que o pesquisador se encontre na incômoda situação de ter, a corroborar suas impressões subjetivas, apenas os dados de trabalhos antigos, de épocas em que, por exemplo, ainda existiam cabeças-secas (*Mycteria americana*), no bairro do Ipiranga, em plena São Paulo (registro de 1906, segundo PINTO, 1937)! Dado o ritmo que a alteração ambiental apresenta, fica claro que, excetuando obviamente seu valor documental e biogeográfico, conclusões tiradas a partir de obras clássicas de nossa literatura (como PINTO, 1937 e 1944) são, no mínimo, irreais.

Em muitos casos, o bom senso, a experiência pessoal e a autoridade (no bom sentido!) de que o pesquisador experiente se reveste são os únicos instrumentos de que ele dispõe para chegar a conclusões plausíveis. O que acontece, então, quando o responsável por uma análise da avifauna é recém-formado (biólogo, engenheiro agrônomo ou florestal, veterinário, zootecnista) sem qualquer experiência? Sem contar com um mínimo apoio de bibliografia, é comum que o trabalho resulte em um pastiche de conceitos ecológicos mal entendidos, saídos diretamente de um livro texto adquirido durante a graduação.

Sem entrar no mérito de quem tem culpa por essa pessoa mal-preparada estar incumbida de tarefa tão superior a suas atuais capacidades, voltemos ao assunto: listagens de espécies devem ou não ser publicadas?

Os levantamentos são, sem dúvida, um dos instrumentos de trabalho que o consultor ambiental mais usa. Embora a inclusão de listagens nos relatórios seja combatida por muitos profissionais, pessoalmente considero que esta seja uma das formas mais definitivas de se corroborar previsões de impacto, proposta de ação e outros produtos que são exigidos do especialista. Não há como refutar a necessidade de preservação de uma determinada área cuja avifauna, listada, inclua o macuco (*Tinamus solitarius*), o gavião-pombo

(*Leucopternis polionota*), o jacu (*Penelope obscura*), a jacutinga (*Pipile jacutinga*), o rabo-de-palha (*Macropsalis creagra*) e a pomba-de-espelho (*Claravis godefrida*), como é o caso do entorno da Represa de Guaricana (PR), estudada por STRAUBE (1990). Duvido que se pudesse fundamentar de forma tão clara essa situação sem a apresentação de um levantamento de espécies. Cabe acrescentar que as principais críticas à utilização de listagens (aliás dirigidas também contra os estudos de flora) provêm de pessoas que atuam em outras áreas do conhecimento e que pouco ou nada conhecem da metodologia utilizada em estudos faunísticos (ou florísticos).

É com base nos comentários tecidos acima que considero que a publicação de listagens é uma contribuição fundamental que a comunidade ornitológica pode prestar aos organismos encarregados de efetivar a defesa do que resta de ambiente natural neste país.

Encaro esta como uma tarefa a ser desempenhada principalmente por ornitólogos experientes e pesquisadores que trabalham com coleções em museus, mas não excluo a possibilidade de que contribuições valiosas sejam feitas por outras pessoas envolvidas no estudo e na observação de aves. Creio, porém que cada um deve estar cômulo das limitações que seu trabalho tem, devendo ponderar muito a esse respeito na hora de submeter um manuscrito para publicação. Nada há de reprovável em admitir que uma certa identificação pode estar errada, mesmo que se tenha 95% de certeza de estar certo, e colocar um ponto de interrogação adiante daquele nome. Esse tipo de atitude apenas demonstra que o autor submete suas próprias informações a um certo "controle de qualidade", cujo rigor poderá ser avaliado por quem for ler o artigo publicado.

Erros sempre vão existir, até mesmo da parte de ornitólogos conceituados. Acredito que é melhor correr o risco de termos esses erros, relativamente pequenos e inócuos, pois podem ser questionados

por qualquer outro pesquisador ou mesmo pelo próprio autor (como fizeram WILLIS & ONIKI, 1991, com relação a WILLIS & ONIKI, 1988), do que, pela ausência de levantamentos, contribuir para que cada vez mais documentos e relatórios técnicos sejam produzidos com informações deficientes, permitindo a destruição de áreas que nunca mais poderão ser recompostas.

É claro que a preservação de ambientes e de espécies não requer dos ornitólogos apenas as informações contidas em levantamentos. Faltam informações preciosas sobre fontes de alimentação utilizadas por diversas espécies, rotas de migração e locais de parada de aves migratórias, tamanho das áreas de vida de falconiformes e outras aves de grande porte, distribuição geográfica e altitudinal, deslocamentos diários para alimentação e pernoite, etc, etc, etc. Infelizmente são poucos os que estudam seriamente as aves neste país, e muitos os assuntos que precisam ser estudados. Mas mesmo esses poucos podem amenizar a falta quase absoluta de informações que ajudarão a preservar o que hoje existe para que, quem sabe, possa ser convenientemente estudado no futuro.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- PINTO, O.M.O., 1937. Catálogo das Aves do Brasil; 1ª Parte. Aves não Passeriformes e Passeriformes não Oscines, excluída a Família Tyrannidae e seguintes. São Paulo, 566 p.
- PINTO, O.M.O., 1944. Catálogo das Aves do Brasil; 2ª Parte. Ordem Passeriformes. São Paulo, Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio. 700 p.
- STOTZ, D.F., 1990. Corrections and additions to the brazilian avifauna. *Condor*, 92: 1078-1079.

STRAUBE, F.C., 1990. Conservação de aves no litoral sul do Estado do Parana. *Arq. Biol. Technol.*, 33(1):159-173.

WILLIS, E.O. & ONIKI, Y., 1988. Aves observadas em Balbina, Amazonas, e os prováveis efeitos da barragem. *Ciênc. Cult.*, 40: 280-284.

WILLIS, E.O. & ONIKI, Y., 1991. *Nomes gerais para as aves brasileiras*. Américo Brasiliense, Gráfica da Região. 55 p.

Recebido para publicação em 09/11/91.

**UMA TESE SOBRE A ECOLOGIA DAS ESPÉCIES
BRASILEIRAS DE *MYRMOOTHERULA* SCLATER, 1858.**

Hélio F. de Almeida Camargo*

O Dr. Douglas Forrester Stotz, que integrou o Corpo Técnico do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (Seção de Aves), até há pouco tempo, apresentou em março de 1990 à apreciação e julgamento do "Committee on Evolutionary Biology" da "Faculty of the Division of the Biological Sciences and the Pritzker School of Medicine", University of Chicago, USA, a tese de doutoramento de 258 páginas, realizada sob a orientação do conhecido ornitólogo J.W. Fitzpatrick, intitulada "Foraging Behavior and Morphology in the avian genus *Myrmotherula*".

O título da tese é uma síntese muito feliz do que foi pesquisado. Como várias espécies de *Myrmotherula*, vulgarmente chamadas no Brasil de "Choquinha", conseguem conviver entre elas, partilhando os recursos alimentares do biótopo sem competição? Quais as diferentes manobras de vôo (aliás muito semelhantes às dos *Tyrannidae*) empregadas para colher o alimento nos mais diversos substratos? Quais as alterações morfológicas que surgiram como resposta à necessidade do pássaro se alimentar?

Quanto às manobras de vôo, Stotz depois de afirmar que as espécies de *Myrmotherula* "mainly specialize on perch-gleaning arthropods from live leaves", esclarece, logo a seguir, que a essa principal especialização (catar artrópodos nas folhas vivas, a partir de um poleiro), seguem-se outras três alternativas, assim enumeradas: 1)"probing in dead leaves", isto é, perquirindo artrópodos que vivem

* Museu de Zoologia da USP e Centro de Estudos Ornitológicos.

no aglomerado de folhas secas pendentes; 2)"perch gleaning from twigs", ou catar o alimento partindo de um galho fino; 3)"hover and sally gleaning from live leaves", quer dizer, permanecer peneirando no ar, observando, e em seguida arremetendo-se sobre as folhas vivas.

No final da página 128 o autor acentua que "The unique 'tropical' resource that permits elevated diversity in *Myrmotherula* is the use of hanging dead leaves as a foraging substrate". Mas faz uma ressalva: apenas *Helmitheros vermivora* (Parulidae) , que vive em clima temperado (leste da América do Norte) especializou-se em buscar o alimento em folhas secas durante o seu retiro na região tropical, fugindo do inverno.

A cauda mais longa, o bico mais largo e mais alto, e o tarso-metatarso, os dedos e as unhas mais longos, são importantes modificações morfológicas relacionadas com o tipo de técnica usada na conquista do alimento.

Neste ponto trancrevo importante trecho da tese (página XVI, último parágrafo) em que Stotz diz: "this is the first demonstration among insectivores of a relationship between foraging behavior and morphology within a species".

Li e reli essa tese que considero uma excelente contribuição sobre a ecologia das aves brasileiras. Nela se misturam a observação cuidadosa das espécies no seu biótopo, com as conclusões bem elaboradas, ora concordantes, ora discordantes dos trabalhos consultados, mas sempre com argumentos convincentes que demonstram a capacidade crítica do autor, alicerçado em bibliografia bem atualizada de 136 itens. A linguagem, precisa e concisa, é clara e me lembra muito a de Alfred S. Romer no seu clássico "The Vertebrate Body". Por uma série de motivos as teses escapam do conhecimento de muitos estudiosos. Daí a minha idéia de não deixar que esta tese de leitura obrigatória para quem for estudar as espécies de *Myrmotherula* também passasse despercebida.

Trago, portanto, aos leitores do Boletim CEO, um resumo da tese.

O gênero *Myrmotherula* conta com 31 espécies distribuídas do sul do México ao sul do Brasil. Dessas 31, 22 espécies são encontradas no Brasil (*gularis**, *gutturalis**, *brachyura**, *haematonota**, *leucophthalma**, *ornata**, *surinamensis*, *obscura*, *sclateri**, *ambigua**, *cherriei**, *axillaris**, *fluminensis*, *longipennis**, *urosticta**, *minor*, *iheringi**, *menestriesii**, *unicolor*, *assimilis*, *hauxwelli** e *guttata**), das quais 18 nas terras baixas da Amazônia, e 5 na floresta Atlântica, entre estas *axillaris* que é a única espécie do gênero que vive na Amazônia e também no leste. As espécies acima marcadas com um asterisco (*), foram estudadas por Stotz, assim como *erythrura* e *spodionota*, que não ocorrem no Brasil. Pela sua importância transcrevo a seguir, estas considerações: "Diversity is highest in lowland Amazonia, where twenty species occur. Up to ten species occur together at some sites in eastern Peru and western Brasil, the largest know breeding diversity of any avian genus at a single site. Most terra firme sites in Amazonia contain at least six species. Diversity in trans-andean lowland forests and in the Atlantic forest of coastal Brasil is much lower, with only five species in eastern Brasil and four in Central America. The genus is pervasive in tropical forests; no tropical evergreen forest south of Costa Rica lacks a member of the genus *Myrmotherula*". Suas espécies, pesando entre 7 e 11 grs., estão entre os menores pássaros do mundo. Todos os seus membros se alimentam exclusivamente de artrópodos, e na Amazônia a maioria deles integra bandos (os "mixed flocks") de várias espécies de pássaros insetívoros, na sua área de distribuição. Esses bandos Stotz os classifica em aqueles que se movimentam próximo ao solo e que têm a presença, geralmente, de *Thamnomanes caesius*.

Espécies das famílias *Furnariidae*, *Formicariidae* e *Dendrocolaptidae* são aqui dominantes, e Stotz aponta um total de 146 espécies soma das espécies que ele observou nos inúmeros bandos estudados; bandos que se movimentam na copa das árvores, sem a presença de *Thamnomanes*, e onde a maioria das 170 espécies observadas, são da família *Tyrannidae* e da sub-família *Thraupinae*; finalmente aquelas que se alimentam próximo ao solo e que ignoram completamente os bandos que se movimentam nas proximidades, como é o caso de *M. hauxwelli* e de *M. guttata*. Qual seria a função de *Thamnomanes caesius* naqueles bandos mixtos? Para vários autores haveria uma como que troca de favores: *Thamnomanes caesius* seria a sentinela vigilante que evita que o bando fosse surpreendido por um predador, enquanto que os pássaros, integrantes dos "mixed-flocks", em constante movimentação, espantariam os atropados que seriam então apanhados por *Thamnomanes caesius*. Porém Stotz não concorda. Para ele ali talvez haja alguma coisa relacionada com territórios.

A maior parte das espécies de *Myrmotherula* ocorre no interior das florestas tropicais baixas; somente 6 (*behni*, *grisea*, *gularis*, *longicauda*, *schisticolor*, e *spodionota*) ocorrem principalmente acima do nível dessas florestas e apenas 4 (*cherriei*, *klagesi*, *longicauda* e *surinamensis*) são frequentemente encontradas fora das florestas primitivas. As observações de Stotz foram feitas nas seguintes localidades: 1) Colonia Apiaú, Rondônia (2°39'N e 61° e 12'W), na margem direita do Igarapé Serrinha, aproximadamente a 50 kms, a oeste de Mucajaí, altitude aproximada de 150 mts., entre os dias 10 de setembro a 10 de outubro de 1987; 2) Cachoeira Nazaré, Rondônia (9°44'S e 61°53'W), no rio Jiparaná, aproximadamente a 125 km. ao norte da cidade de Jiparaná, entre os dias 10 de outubro a 21 de

novembro de 1986 e de 1º a 14 de março de 1988; 3) Reserva
Ducke, (10.000 hectares), Amazonas (3º08'S e 60º02'W), a NE de

45

Camargo, H.F.A.

Bol.CEO N° 9, 1993

Manaus, de 17 de maio a 24 de junho de 1988; 4) Reserva Florestal do
Rio Doce, Espírito Santo (19º30'S e 40º00'W), (22.000 hectares), de
29 de julho a 27 de agosto de 1988.

Recebido para publicação em 06/11/92.

CARTAS RECEBIDAS

Walter Adolpho Voss, de São Leopoldo, RS, em 28/08/92, sugerindo que "vocês deveriam procurar manter um formato único para o Boletim, ou seja, padronizá-lo. A variação de tamanho entre um número e outro é excessivamente grande para que possam ser encadenados em um único volume".

Fernando Costa Straube, de Cutitiba, PR, em 25/09/92 considerando "Excelente o trabalho de autoria de Maria Martha versando sobre os nomes populares de aves no Sudoeste de Rondônia provando ser uma valiosa pesquisa não apenas do ponto de vista ornitológico como também do humano. A versatilidade aliás, é característica bem conhecida da cientista em foco. Agradou-me também os 'Apontamentos sobre alimentação de algumas aves brasileiras' de Nacinovic & Schloemp, ambos amigos nossos do Museu Nacional e de reconhecida competência. Acho muito importante a valorização de toda a informação possível a partir de espécimes de museu, procedimento já rotineiro por parte dos pesquisadores daquele museu. Ressalto ainda os importantes dados fornecidos sobre *Oreotriccus griseicapillus*, endemismo atlântico pouco conhecido."

Roberto Phillips, Diretor da Oficina Panamericana do International Council for Bird Preservation (ICBP), Quito, em 14/10/92, agradecendo o envio do Boletim CEO N° 8 e considerando que "este material es muy interesante y de mucha utilidad para nuestra biblioteca."

REUNIÕES

No dia 14/03/92 o Prof. Frederico Lencioni Neto, de Jacareí, SP, ministrou palestra com o tema: "Experiências com a gravação de vozes de aves".

No dia 11/04/93 o Dr. Hélio F. de Almeida Camargo ministrou palestra com o tema: "Garças e socós".

No dia 13/06/92, o Dr. Hélio F. de Almeida Camargo ministrou palestra com o tema "A pesquisa científica em ornitologia".

No dia 08/08/92 Dante Renato C. Buzzetti apresentou diapositivos de aves fotografadas em localidades do Estado de São Paulo.

No dia 12/09/92 Pedro Ferreira Develey apresentou o "Relato de um levantamento de aves na região do Rio Juruá (Estados do Acre e Amazonas, Fev-Jun/92)".

No dia 14/11/92 a Profa. Maria Luisa Videira ministrou palestra com o tema: "Preparação de esqueletos para coleções científicas".

No Boletim CEO N°2:

1- Na página 22 o Item 24 passa a ter a seguinte redação:

"24. barriga verde.....*Thalurania glaucopis*
barriga roxa.....*Thalurania furcata*"

2. Na página 23, o Item 33 passa a ter a seguinte redação:

"33. superciliar branca, base do
bico vermelha... *Chlorostilbon aureoventris*

diferente.....33a

33a. retrizes centrais no mínimo 9 mm mais
curtas que as mais longas... *T. glaucopis* f

retrizes centrais jamais 9 mm mais curtas
que as mais longas *T. furcata* f"

No Boletim CEO N° 8:

1- Nas páginas de números 1; 16; 22; 30 e 32, onde se lê "Argel de
Oliveira", leia-se "Argel-de-Oliveira".

2- Nas páginas de números 7; 8; 9; 12 e 13, onde se lê "Lepdoptera",
leia-se "Lepidoptera".

3- Na página 18, onde se lê "10 continham 2 filhotes" leia-se "10
continham 3 filhotes".

INSTRUÇÕES AOS COLABORADORES**INFORMAÇÕES GERAIS**

O Boletim CEO tem por finalidade publicar artigos relativos à ornitologia, conservação da natureza, educação ambiental e matérias correlatas. Publica ainda um resumo das atividades do Centro de Estudos Ornitológicos no período e destaques de cartas recebidas.

Apresenta as seguintes secções:

HOMENAGEM/DESTAQUE: biografias, comentários ou homenagens sobre personalidades do campo da ornitologia.

OBJETIVA: apresenta entidades ornitológicas, científicas e ambientalistas.

ARTIGOS: trabalhos de investigação científica originais e inéditos, nos moldes tradicionais.

PAINEL: revisões de literatura, comentários, relatos.

NOTAS DE CAMPO: observações rápidas de campo; materiais e técnicas de estudo de aves.

EVENTOS: relatórios de eventos ornitológicos, ambientalistas e científicos.

Os manuscritos serão apreciados por pelo menos dois relatores e a decisão de publicar ou não no Boletim CEO é tomada pelo Conselho de Editores. Cópias dos pareceres são encaminhadas aos autores

PREPARAÇÃO DO MANUSCRITO

TÍTULO: deve ser conciso e completo, descrevendo o assunto com termos que possam ser indexados adequadamente.

AUTORES: junto ao nome de cada autor deve ser mencionada a instituição em que o mesmo está fíliado, acompanhada do respectivo endereço.

ESTRUTURA DO TEXTO: os artigos de investigação científica poderão ser organizados segundo a estrutura formal: Introdução, Material e Métodos, Resultados, Discussão e Conclusões. Evitar notas de rodapé.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: as referências bibliográficas no texto devem incluir autor e ano (também a página se o autor o desejar). Referências bibliográficas completas dos trabalhos citados devem ser relacionadas no final, em ordem alfabética do sobrenome dos autores. Pedem-se aos autores utilizarem como modelo citações já publicadas pelo Boletim CEO.